

Editorial

Os perdigotos do presidente

É equivocado dizer que uma imagem vale mais que mil palavras, pois, como os estudos comparativos costumam dizer, estamos lidando com mídias e linguagens diferentes. Entretanto, é difícil fugir da sabedoria popular quando nos deparamos com a fotografia de Joedson Alves, publicada na capa da Folha de S. Paulo, em 28 de março de 2020, mostrando perdigotos expelidos pela boca do presidente Jair Bolsonaro durante um pronunciamento. A imagem viralizou imediatamente, isto quando contávamos (segundo os números oficiais) 113 mortes. Dando crédito ao ditado popular, é preciso dizer que agora (agosto de 2020) a fotografia de Joedson vale mais que 100 mil palavras, 100 mil nomes desconhecidos, mortos pelo genocídio promovido pelas (não) políticas de saúde do governo federal. Para lembrar como chegamos aqui, esta edição da Discursos Fotográficos apresenta uma entrevista com o Prof. Dr. Jorge Miklos (UNIP), conduzida por Bruno Vieira Leonel, mestrando de nosso programa, durante o III Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem (ENCOI), realizado em novembro de 2018. Um dos temas da entrevista é a palestra pronunciada por Miklos sobre o imaginário midiático na campanha eleitoral de 2018, enfatizando as “imagens vencedoras” de Bolsonaro – o que nos leva a refletir sobre as imagens contemporâneas, como a fotografia de Joedson.

Abrimos esta edição com o artigo “Mostrar por montaje. Narraciones benjaminianas desde el archivo y la fotografia de prensa”, de Francisco José García-Ramos. Abordando os

métodos de Walter Benjamin e Didi-Huberman, García-Ramos promove uma discussão teórico-metodológica sobre como trabalhar com arquivos fotográficos de hemerotecas, apresentando assim outras formas de produzir narrativas historiográficas.

Em “Para além da superfície da imagem: disputa de narrativa por fotógrafos da África”, as autoras Marcela Chaves Barino do Valle e Patrícia Saldanha investigam a produção fotográfica contemporânea de dois fotógrafos proeminentes: o ganês Acquah e a nigeriana Emezi. Adotando a análise de conteúdo como metodologia, as autoras refletem sobre a quebra de pressupostos raciais (Hall), enfocando a perspectiva desenvolvida por filósofos africanos (Hountondji e Appiah).

Rita de Cássia Alves Oliveira e Diogo Azoubel questionam a pretensa objetividade da tradução verbo-visual-espacial produzida pelas narrativas jornalísticas em torno do incêndio e explosões do navio Maria Celeste. Em seu artigo “FACES DO MARIA CELESTE: RITO E MEMÓRIA EM NARRATIVAS FOTOJORNALÍSTICAS”, apoiados em um exercício crítico, reflexivo e analítico documental, os autores buscam compreender como essas narrativas podem contribuir para a construção da memória desses fatos ocorridos há 66 anos.

Também abordando o problema da memória, o artigo “Fotolivro: cotidiano e tradições da comunidade Juçatuba”, de Silvio Rogério Rocha de Castro, Marcus Elicius dos Santos Garcez e Mary Aurea de Almeida Costa Everton, discute os usos de imagens fotográficas como fonte de informação e memória. Utilizando como objeto de estudo um fotolivro dedicado à comunidade quilombola de Juçatuba (São Luís-MA), a metodologia envolve pesquisa exploratória e participante, observação em campo, realização de ensaios fotográficos, entrevistas semiestruturadas, além de pesquisa bibliográfica e documental.

Em “Belezas e mazelas naturais e humanas nas fotografias do livro Bahia de Mario Cravo Neto”, os autores Rafael Castanheira e Alexandre Kieling analisam a produção fotográfica de Mario Cravo Neto, especialmente o livro Bahia, dedicado ao cotidiano da classe trabalhadora de baixa renda. Segundo os autores, as fotografias de Cravo Neto se distanciam da noção de espelho do real, explorando recursos estéticos variados. Assim, percebe-se a tensão entre o trabalho de Cravo Neto e demais tradições documentais, como a “Fotografia Social” e o fotojornalismo engajado.

“Archivo emocional y corpus fotobiográfico. La construcción de la memoria visual de una comunidad escolar” é o tema do artigo de Lorena P. López Torres e Adrián Cartes Martínez. Ao resgatar uma seleção de documentos visuais oriundos de uma escola chilena, os autores buscam analisar o arquivo emocional formado em torno dos múltiplos significados atribuídos pelos observadores desses documentos. Para os autores, a emocionalidade possibilita que os integrantes da comunidade escolar (alunos, professores, pais), observadores dessas imagens, reconheçam a si mesmos e resignifiquem suas histórias de forma coletiva.

O fenômeno de autoinscrição cinematográfica é o assunto do artigo de Henrique Codato, Eduardo dos Santos Oliveira e Breno Almeida Brito Reis. Ao revisitar a hipótese de Jean-Louis Comolli sobre o engajamento corporal do realizador no espaço de cena, o artigo “Exercícios de autoinscrição no cinema: o filme como experiência vivida pelo realizador” busca comparar o caráter performativo da autoinscrição de Robert Kramer, no filme Berlin 10/90, com outros exercícios semelhantes em distintos documentários contemporâneos.

Ainda sobre o gênero documentário, o artigo “O documentário

Holocausto Brasileiro e a representação de uma memória traumática”, de Cássio dos Santos Tomaim, analisa o filme em questão para refletir sobre como ocorre a recordação de memórias traumáticas. Tomaim mostra como o documentário se utiliza de testemunhas enquanto conectores com um passado vivido, acionando assim tanto apatia quanto afeição para com as pessoas que habitavam o Hospital Colônia.

Além da entrevista já mencionada, esta edição da Discursos Fotográficos apresenta uma resenha do livro *A carta, o abismo, o beijo: os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático*, de Norval Baitello Junior. Para os resenhistas, Isabela Yankous Vale Santos Rezende e Silvio Ricardo Demétrio, trata-se de “um livro de comunicação que traz importantes reflexões acerca da contemporaneidade, fundamentadas não somente por teorias da imagem, mas também por enriquecedoras contribuições de outras áreas”.

Rodolfo Rorato Londero